O amor que nos escolhe

Agnaldo Morato

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2017

EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Claudia Manzolillo

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M831a MORATO, Agnaldo. 1967-
O amor que nos escolhe / Agnaldo Morato. -
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2017.

190 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-171-5

1. Romance I. Título.

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

I.

Sol era uma mulher madura, já se aproximava dos 50 anos, era muito bonita e bem conservada. Os anos pareciam não passar para ela. Ficou viúva ainda jovem e com uma bela filha para criar. Não voltou a se casar novamente, nem quis ter mais filhos. Teve namorados, mas nada que a prendesse até então. Trabalhava muito para sustentar a si mesma e a filha que crescia linda tal qual a mãe. Eram de classe média alta e viviam bem e com conforto. Quando o pai de Catherine morreu, deixou para elas alguns imóveis que eram alugados e ajudavam a complementar a renda da família. Foi um momento muito triste para elas. O pai morreu em um acidente de carro quando se dirigia para o sítio da família. Elas já tinham ido primeiro, o pai seguiu um pouco mais tarde porque queria terminar um trabalho ainda naquele dia. Catherine ainda era pequena, mas

se lembra muito bem daquele fatídico dia. Amava muito o pai e foi muito difícil para ela superar a perda. A mãe era uma mulher forte e a ajudou muito. Mesmo com muita dor, ela soube seguir em frente e educar muito bem a filha que agora era uma linda moça. Todos os anos, mãe e filha viajavam. Às vezes, no Brasil, às vezes, para o exterior. As duas se davam muito bem, eram amigas e confidentes. Tinham um dia a dia muito corrido. Enquanto a mãe trabalhava em seu escritório de advocacia — era uma advogada renomada, com uma carteira de clientes especiais em número expressivo -, a filha fazia o curso de Jornalismo na Universidade de São Paulo — USP. Moravam em um belo apartamento amplo, confortável e com uma linda vista para a serra que rodeava a cidade. Além disso, compraram uma casa na praia. "O sítio a mãe vendeu, as lembranças da morte do pai não faziam bem para elas." Sempre que podiam, iam para lá passar os finais de semanas e feriados. Descansavam e renovavam as energias para a longa semana que reiniciaria, deixando-as prontas para seguir em suas tarefas. A Dra. Sol trabalhando, a filha, na USP, estudando.

Às vezes, iam juntas para as festas, *shows*, teatro, cinemas. A mãe era alegre e bem jovial. Nunca foi um problema para Catherine que gostava de levar a mãe junto quando ela estava disponível. A relação entre sua mãe e os seus jovens amigos era bastante tranquila, todos a admiravam muito. Elas saíam juntas, mas respeitavam a individualidade de cada uma. Quando a mãe saía com as suas

amigas para programas só delas não era problema para Catherine que tinha a mesma liberdade para estar com os seus amigos em programas só deles. A relação das duas era a melhor possível.

***

Pela manhã, o café está posto à mesa. Frutas, pães, leite, torradas, sucos, mesa farta para começar o dia. Elas, geralmente, tomam o café da manhã juntas.

— Bom dia, filha!

— Bom dia, mãe!

— Como foi o seu dia ontem? Vi que chegou um pouco mais tarde!

— Ótimo, mãe, a turma resolveu ir até o barzinho tomar uma cerveja gelada. Eu não quis porque não bebo, fui de suco mesmo. Te mandei uma mensagem, não viu?

— Vi, sim, mas fiquei curiosa, alguma novidade?

— Não, mas pude conversar um pouco mais com um colega com quem pouco converso. Quase nunca nos falamos. Interessante como tem alguns colegas com quem a gente tem mais contato e outros nem tanto, mas gostei muito de conversar com ele. Interessante que nem meu amigo no Facebook ele era, mas já o adicionei.

— Algum impedimento?

— Não, apenas casualidade. Nem sei por que, mas a turma tem muitos alunos e isso acaba acontecendo.

— Sei, mas parece que você gostou do contato.

— Não vou negar que não, mas nada além de uma nova amizade.

— Que seja feliz com o seu novo amigo, então. Agora preciso ir.

Até mais tarde.

Sol dá um beijo carinhoso na filha e sai para o trabalho. O dia promete ser bem movimentado. Ela não pode perder tempo. Ainda é cedo, mas ela gosta de chegar antes das oito no trabalho. Aproveita também para ir tranquila pelas movimentadas ruas da cidade. Da sua casa até o trabalho, não é muito longe, mas, se tem engarrafamento, a viagem acaba se tornando mais demorada, então, é preferível sair com tempo para não se estressar logo pela manhã.

Catherine vai para a academia se exercitar um pouco antes de ir para a Universidade, três vezes por semana ela faz isso, gosta de se manter em forma e ter uma vida saudável. Enquanto se exercita, ela pensa em Alan, nem sabe por que, mas se lembrou dele. Talvez tenha sido uma agradável surpresa o tempo que passaram juntos. Apesar de estarem reunidos vários colegas nesse dia, foi com ele com quem ela mais conversou. Seria coincidência? Nem reparava tanto nele. Parece que ele também não a notava muito. Mas, naquele dia, conversaram bastante e foi muito bom conversar com ele. Não queria se perturbar com aquilo, iria deixar as coisas acontecerem naturalmente,

afinal, estudavam juntos e iriam se ver várias vezes, era um novo amigo que ela acabara de conhecer mesmo, estando muito perto todos os dias. Interessante que ele parecia ser bastante humano e carinhoso.

***

Alan era um rapaz de cerca de 1,85 metros de altura, tinha os olhos claros, magro, os cabelos ondulados. Usava óculos, era tipo intelectual, mas sem ser blasé. Inteligente, estudioso, bem informado e bem-apessoado. Já trabalhava em um jornal. Tinha o sonho de se tornar um grande jornalista. Também era de família de classe média alta, seus pais podiam bancar seus estudos, mas resolveu trabalhar, mesmo com a oposição paterna. O pai acreditava que o trabalho poderia atrapalhar os estudos, mas entendia que, quanto mais cedo começasse a trabalhar, maiores eram as chances de se tornar um grande profissional, adquirindo bagagem para entrar bem qualificado em um mercado muito concorrido. Em horário contrário ao da universidade, ele trabalhava com afinco na redação de um grande jornal. Não tinha um alto salário, mas o prazer de trabalhar no que gostava e o desejo de se realizar na carreira que escolhera o empolgavam. Tinha também o sonho de ser pai. Um dia iria se casar e ter filhos, adorava a ideia. Porém, ainda era cedo e precisava se preparar para o dia em que isso acontecesse. Se isso fosse possível, às vezes, se perguntava, em dúvidas quanto à realização

desse ideal, mas faria o melhor, no caso de alcançar esse objetivo. Era um pouco conservador nesse assunto. Achava que deveria construir uma família, um lar, algo planejado. Não queria apenas ser pai, gostaria de participar na educação dos filhos. Não falava muito sobre isso, entendia quem não pensava assim como ele, mas tinha como certo esse pensamento. Era uma pessoa tranquila e bem resolvida. No momento, estava sem namorada. Tinha terminado com o namoro porque não o levava muito a sério e aguardava, sem ansiedade, a próxima dona do seu coração, aquela que um dia poderia vir a ser a sua futura esposa. Não tinha grandes preocupações com isso, imaginava que aconteceria naturalmente, era o que esperava.

Mas o amor tem razões que nem sempre conhecemos. Quando o coração bate forte por alguém, é difícil segurar. Como dizia uma amiga: coração é terra em que ninguém pisa — na verdade, ela queria dizer que não conseguimos dominar os sentimentos do coração, mandar neles. E tinha muita razão em sua colocação. A vida está cheia de casos que comprovam a sua teoria. A paixão pode ser avassaladora e fazer com que percamos a razão.

***

Alan se dirige à redação do jornal onde trabalha — a redação ficava em um prédio imponente e moderno no centro da cidade, tinha uma linda fachada espelhada que reluzia à luz do sol. Ele olhava para o prédio e agradecia por já estar

trabalhando em um lugar tão grandioso como aquele. É certo que o seu pai o ajudou a conseguir o emprego — quando se convenceu de que era o melhor para o filho, o pai passou a apoiá-lo em sua escolha -, mas parou por aí. Alan se esmerava para se manter no emprego. Era auxiliar na redação, quase um faz-tudo. Trabalhava muito. Ajudava nas revisões, fazia diagramação, ajudava na edição das matérias, era bastante engajado, até das reuniões de caixa ele, às vezes, participava. Todos ali viam nele um excelente profissional e com grande potencial para deslanchar na carreira.

Luca, além de colega de trabalho era um grande amigo de Alan. Era um jornalista de renome, trabalhava tanto na imprensa escrita como na TV. Viajava muito e, muitas vezes, tinha que ficar longos períodos fora do país. Alan achava aquilo o máximo e sonhava com o dia em que ele teria uma função tal qual a do amigo. Luca sabia disso e dava a maior força para o jovem amigo.

***

— Alan, me parece que está com o ar um pouco diferente hoje, novidades? — pergunta Luca.

— Não, exatamente, mas, ontem depois da aula, saímos da Universidade e fomos para um barzinho legal a que o pessoal gosta de ir quando sobra tempo. Como a aula ontem se encerrou mais cedo, fui também. Pela primeira vez, fiquei conversando com a Catherine, uma colega de faculdade e gostei muito disso.

www.editorapenalux.com.br

amnaldomora@gmail.com

/agnaldo.morato